



# LIVRO 9 - O DIA EM QUE CONHECI VOVÔ

Conto infanto-juvenil que se integra à fantasia natural e criatividade das crianças e dos jovens, divertindo, educando e somando para o desenvolvimento do caráter, valores morais, cidadania, consciência ecológica, valores de família, cultura, conhecimento, espiritualidade, respeito aos educadores, incentivo ao estudo, ordem e disciplina. Livro destinado a crianças e jovens que apreciam leituras inteligentes, sensíveis, culturais, educativas e temas da realidade social brasileira.

**CONTO COM MAIOR CONTEÚDO LITERÁRIO, UM MELHOR EXERCÍCIO DE LEITURA.**

*Sinopse:*

*O livro conta a história de Cacá e o dia em que parou para olhar e ouvir o seu avô e descobrir verdadeiros tesouros de valores e histórias resgatadas do seu rico passado. A partir deste momento, nasceu uma nova relação de amizade e amor entre ambos, através de um novo e mágico conhecimento da alma e sentimentos humanos. Revivendo o seu passado, sua história profissional e suas brincadeiras de criança, o avô de Cacá revive no neto a sua infância e rejuvenesce em sua velhice.*

J. J. Dacosta

## Dedicatória

Dedico este trabalho a todos que dedicam parte de suas vidas para educar, de alguma forma, as crianças, com a missão e a crença de que nelas está a esperança de um mundo melhor.

Em especial, aos pais, professores e avós, triângulo básico da educação infantil.

Agradeço a Deus pela criança que Ele, ainda, permite existir em mim.

J. J. Dacosta

Olá! Eu sou o Carlos. Minha família me chama de Carlinhos e meus amigos de Cacá.

Moro com meu pai Marcelo, minha mãe Adriana, minha irmã Tatiana e meu avô Eduardo.

Moramos em casa térrea com grandes varandas e um grande quintal.

Aos dez anos de idade eu noto que meus pais olham orgulhosos o meu crescimento. E minha irmã me elogia dizendo que eu estou ficando um gato.

Que bom! Eu adoro gatos e os acho lindos.

Eu sempre olhei minha mãe, meu pai, minha irmã e meu avô do jeito que são. Assim, eu achava que eles sempre tiveram a idade que eles têm hoje.

Eu nunca tinha pensado que todos eles já foram crianças um dia, cresceram, casaram, tiveram filhos, estão envelhecendo.

Nós crianças vivemos o momento presente com nossas brincadeiras, estudos e nossos amigos. Geralmente, nós não prestamos muita atenção na vida dos adultos.

Mas, eu mudei! Agora eu noto que a rotina de um dia de meus pais e de meu avô é muito parecida com a rotina do dia anterior.

Meu pai sai apressado todos os dias, engolindo o café da manhã, sempre dizendo que um trânsito infernal e um Chefe carrasco o esperam.

- Tchau, pessoal! Deixe-me enfrentar este trânsito infernal e ver como está a cara do meu Chefe hoje.

Quando meu pai volta do trabalho cansado ele tira o seu terno e gravata e veste uma roupa mais confortável.

Em seguida, dá uma volta pelo quintal para ver suas plantas e flores. Ele dá alguns biscoitos para os cachorros. Ele me pega no colo levantando-me para o alto e me beija. Em seguida, ele vai para o seu computador abrir os seus e-mails. Após o banho, ele lê os seus jornais, assiste um pouco de televisão e vai dormir.

Todos os dias do meu pai são assim.

Minha mãe também tem sua rotina. Ela cuida da casa e das compras, toma minha lição e me leva e traz para todos os lugares que eu preciso ir.

Algumas vezes ela está contente, outras vezes está batendo panelas ou gritando, nervosa com os seus compromissos, dizendo:

- Ninguém valoriza o trabalho da dona de casa!

Às vezes, vai ao shopping, paga um monte de contas, vai ao cabeleireiro e manicura e, o que é pior, me toma a lição da escola.

Há outro personagem em minha casa, o meu avô, que igualmente mantém sua rotina.

Levanta-se bem cedo, procurando não fazer barulho para não acordar ou incomodar as pessoas, Ele prepara o café, toma uma caneca de café, come um pão amanhecido e sai para dar uma volta no quintal.

Em seus passos muito lentos e cuidadosos, ele percorre por várias vezes todo o quintal, planta por planta. Depois, ele pega um pouco de quirera de milho, banana e mamão para colocar em um lugar que ele escolheu no quintal para alimentação dos pássaros, perto da varanda.

Em seguida, ele senta em um banco de madeira na varanda e fica por quase duas horas observando os pássaros comerem. Ele fica quieto, com seu chapéu amassado encobrindo a testa, e permanece imóvel. Depois, vai a uma pequena oficina no fundo do quintal, onde se distrai construindo alguma coisa ou consertando coisas da casa, como os meus brinquedos.

Após o almoço, ele dorme por uma hora e meia. Ao acordar, pega uma sacola com os seus remédios, separa os que têm que tomar.

De vez em quando, pede para o meu pai ler a bula, a mesma bula que o meu pai leu para ele no dia anterior. Acho que ele se esquece que já pediu ao meu pai para ler as bulas de seus remédios e pede de novo.

Talvez, quem sabe, ele quer chamar a atenção de meu pai.

Todo dia é esta a rotina de todos eles, exceção feita para minha irmã. Minha irmã tem uma rotina tão diferente que minha mãe diz que ela a está deixando louca.

Esta rotina é quebrada um pouco aos finais de semana, quando a família procura um lugar para passear.

Mas, mesmo assim, uma série de coisas acontece como rotina. Meu pai quer ir para um lugar que minha mãe não quer. Meu avô gostaria de ficar em casa e não ir a lugar nenhum, mas tem que acompanhar a família, porque não pode ficar sozinho.

Eu me divirto muito com esta situação e, quando converso com os meus amigos, vejo que na casa deles não é muito diferente.

Mas houve um dia mágico em minha vida que eu conheci vovô.

- Mas, como assim? Vocês poderão perguntar.
- O seu avô não mora com vocês? Você já não o conhecia?

Realmente, mora com a gente por muitos anos. Mas, eu não conhecia vovô. Fui acostumado a ver aquele velhinho quieto, de passos lentos, olhos serenos, calmo e paciente, em sua rotina diária.

Mas, eu não conhecia vovô, até que um dia...

Vovô estava na oficina, concentrado em consertar o pé de uma cadeira quebrado. Ele procurava fazer um trabalho bem feito e sem pressa. Ele tinha duas preocupações – agradar minha mãe com um conserto de boa qualidade e matar o tempo até a hora do almoço.

Aproximei-me, fiquei olhando para ele observando sua concentração, sua dificuldade em levantar a cadeira pelo peso. Entretanto, pude ver que ele fazia aquilo com um semblante de grande responsabilidade. Ele sempre foi um homem sério e de responsabilidade.

Em certo momento, ele colocou sua mão sobre a minha que estava em cima da bancada de madeira. Foi uma forma de me dar as boas vindas e carinho. Olhei para ele com ternura, agradecendo com um sorriso e voltei meus olhos para a sua mão.

Pude então me concentrar em sua mão por um momento e quanta coisa ela me revelou. Eram mãos fortes, pele escurecida e envelhecida, enrugada, com muitas manchas escuras, unhas grandes e quebradiças. Em seguida olhei para a minha mão.

- Vovô já deve ter tido a minha idade! Conclui brilhantemente.

- E as suas mãos já foram como as minhas! Eu aprendi.

A manhã era de chuvisco e um pouco frio e procurei explorar melhor este contato com meu avô, perguntando-lhe:

- Vô, quantos anos o senhor tem?

- Eu? 81 anos!

- Puxa, 81 anos! E onde o senhor nasceu? Continuei perguntando.

- Nasci em Campo Grande, no Rio de Janeiro, mas vim para São Paulo ainda criança, quando eu tinha 5 anos de idade.

- O senhor teve irmãos? Perguntei.

- Sim, éramos em 3 irmãos. Um deles já faleceu e outro mora em Porto Alegre. Não nos vemos há muitos anos.

- Mas, por que vô? Eu quis saber.

- Perdemos o contato. Sabe como é, cada um tem sua vida, se casa, tem os seus próprios filhos, os seus problemas e cada um corre atrás de seu destino. Eu não culpo ninguém disto. É a vida. Um dia isto também vai acontecer com você.

- Eu nunca vou deixar de ver o senhor! Eu afirmei.

- Vamos ver, vamos ver... Você acha que a cadeira está ficando boa, sua mãe será que vai gostar?

- Com certeza, o pé da cadeira está muito bem colocado, não vai quebrar mais. Eu respondi.

- (O pé estava um pouco torto, mas achei melhor não falar nada para não magoar vovô. Afinal de contas, ele usava óculos e estava precisando voltar ao oftalmologista, mas sempre dava um jeito de não encontrar tempo...). Eu pensei.

E procurava saber mais da vida de vovô:

- Vovô, o senhor trabalhava como marceneiro? O senhor fazia armários, móveis?

- Marceneiro, eu? Quem me dera! Eu fui Advogado. Mas, sempre gostei de trabalhar com madeiras e com plantas como passatempo.

- E por que o senhor deixou de ser advogado? O senhor gosta mais de consertar cadeiras e cuidar do jardim? Continuei insistindo.

- Tudo tem o seu tempo. Quando ficamos velhos, as empresas nos aposentam e procuram trabalhar com pessoas mais novas.

Ao falar isto, vovô parou o que estava fazendo e ficou pensativo, com um semblante triste. Mas, ele se animou, dizendo:

- Cacá! Agora vamos mostrar a cadeira consertada para sua mãe. Você me ajuda com ela?

Eu segurei nos dois pés da cadeira e meu avô no encosto e lá fomos nós dois, unidos, em direção à sala de jantar. Meu avô seguia com seus passos lentos e com a respiração ofegante pelo esforço. Ele parava de vez em quando para respirar, dando um discreto sorriso de satisfação para mim, como agradecendo minha ajuda. O seu rosto estava pálido. Pensei:

- Por que a gente tem que ficar velho?

Enquanto vovô recuperava o fôlego, perguntei:

- Mas, o que faz um Advo..., o que?

- Advogado Carlinhos. O advogado estuda as leis brasileiras para defender os direitos das pessoas e das empresas.

E eu desabafei:

- É, parece que ser marceneiro e jardineiro é muito mais divertido!

- Você não tenha a menor dúvida disto, Carlinhos.

Assim, prosseguimos na caminhada levando a cadeira consertada para minha mãe. E ela gostou:

- A cadeira ficou ótima, pai! Que bom! Muito obrigada!



Minha mãe sempre procurava dar alguma coisa para o meu avô fazer. Ela pedia para ele consertar objetos em casa. Ela pedia para ele ir à padaria ou açougue comprar alguma coisa. E vovô recebia estas incumbências com muita alegria.

E ela me explicava:

- Carlinhos, seu avô foi um homem muito ativo. Ele não consegue ficar parado, tem que sentir que está sempre ajudando.

E minha mãe esclareceu a tristeza que meu avô sentia:

- Era no trabalho que ele procurava esquecer a falta de minha mãe, que faleceu. Ela era sua avó que você somente conheceu nos retratos. Ele não conseguia se imaginar parado, sem sua avó como companhia.

- Ah, entendi. Coitado do vovô! Eu disse, lamentando.

À tarde, depois que vovô tirou o seu costumeiro soninho após o almoço, voltei a procurá-lo e fomos junto à padaria para comprar pão para o café da tarde.

Enquanto caminhava, pensava em quantas coisas eu havia aprendido sobre vovô. Mas, eu continuava com minha bateria de perguntas:

E vovô faz isto com grande responsabilidade e dignidade!

- Vô, do que o senhor brincava quando era criança?

- Ah, eu vivi em uma época muito diferente da sua. No meu tempo não tinha a violência que tem hoje. Também não tinha shopping, parques infantis, clubes, lojas de brinquedos onde as crianças pudessem brincar ou visitar. Pelo menos não tinha para mim! Assim, nossas brincadeiras de crianças eram todas na rua e nos campinhos de futebol.

- Mas, do que vocês brincavam? Eu insisti.

- Nossa! De muitas coisas. Quando não jogávamos futebol, as brincadeiras eram várias. Tinha a brincadeira de jogar bafo, com figurinhas da época. Coletar figurinhas era muito comum e era uma verdadeira mania entre as crianças. Eram figurinhas de animais, jogadores de futebol, entre outras. As crianças que colecionavam figurinhas jogavam o bafo. Nesta brincadeira, cada uma colocava algumas figurinhas, em partes iguais, viradas

de cabeça para baixo e decidiam quem começaria pelo par ou impar. Um começava, depois era a vez do outro. Fechando a mão em concha, o primeiro jogador batia no montinho de figurinhas tentando virá-las para cima. Quem conseguia, ficava com as figurinhas viradas para cima. Depois, jogava o outro até que o montinho se acabasse. O vovô era um grande jogador de bafo. Muitas vezes, eu conseguia virar o montinho de figurinhas inteiro, para desespero de meus amigos!

- Que barato! Quando eu tiver figurinhas, vamos jogar bafo? Eu respondi entusiasmado.

- Claro que vamos, mas prepare-se para perder!

- Que mais vô, que mais o senhor brincava?

- Ah, de bicicleta, de patinete, de fazer cidadezinhas de barro.

- Cidadezinha de barro? Indaguei curioso.

- É! Eu gostava muito de brincar de fazer casinhas, igrejas, escolas, carrinhos de barro que a gente encontrava próximo de uma mina de água no campinho de futebol. A gente amassava a argila, fazia uma bola redonda, depois ia batendo com um pedaço de madeira chata até dar a forma de casa ou outra coisa que queríamos. Depois de dar a forma, pegávamos um palito de fósforo e riscávamos as janelas e portas. Depois, a gente deixava as casinhas secarem ao sol. Várias crianças se juntavam e cada uma trazia as suas obras. Assim, uma grande e bonita cidade era construída com o barro. Depois da brincadeira, todos levavam as suas pequenas construções para casa.

- Puxa, devia ser legal fazer isto! Vô, conta mais, conta mais! Eu pedia com entusiasmo.

- Bem, tinha as brincadeiras de esconde-esconde, pega-pega, empinar quadrado, cobra-cega, pula-sela, de roda, de garfo, bolinha de gude, carrinho de rolamentos, de ordem, escravo de Jó, passa-anel, barra-manteiga, pula-corda, jogo de taco, amarelinha, cama de gato, fazer aviõezinhos de papel. Estas são as que eu mais me lembro.

- Nossa vô, quantas brincadeiras. Mas, não sei do que o senhor está falando para a maioria delas!

- Eram todas brincadeiras, como falei, nas ruas e nos campinhos, quando a gente se juntava com outras crianças. O esconde-esconde a gente vê as crianças brincarem até hoje. Um ficava com a cabeça encostada em um árvore ou poste, com os olhos fechados, contando até dez até que os outros se escondessem. Depois de contar até dez, ele saía à procura e quando descobria o esconderijo de outra criança esta ia para o poste ou para árvore fazer a mesma coisa. A brincadeira de pega-pega é quase a mesma coisa, só que uma criança tinha que pegar a outra. Aí, esta ia ao poste ou a árvore repetir a contagem e a brincadeira.

- E a brincadeira de cobra-cega?

- Esta era divertida. Um menino, escolhido pelo grupo, começava como cobra-cega. Ele tinha os olhos vendados por um pano e não enxergava nada. Ficava com os braços levantados para frente, tentando tocar nos outros colegas que ficavam girando em sua volta. Quando ele conseguia tocar em algum amigo, este virava a cobra-cega. A cobra-cega tinha que se deslocar devagar e, muitas vezes, os amigos se aproximavam bem perto dele, quase encostando, e ele não percebia.

Na volta da padaria, eu e o vovô sentamos em um banco de uma pequena praça e continuamos nossa conversa.

Percebi como os seus olhos brilhavam e o seu rosto se irradiavam de alegria à medida que ele avançava contando suas histórias. E não vimos o tempo passar.

- Vovô, e a brincadeira de pula-sela como é? Perguntei.

- Esta fazia as crianças se cansar bastante e praticar exercícios. Um voluntário se oferecia para ser o primeiro pula-sela. Ele abaixava a cabeça e o corpo, colocando as mãos nos joelhos e ficava imóvel. Os amigos, as crianças, pulavam o pula-sela um seguido do outro, apoiando as duas mãos nas costas do pula-sela e saltando com as pernas bem abertas sobre o corpo do pula-sela. O último ficava como pula-sela, até que todos ficassem também. A brincadeira só acabava quando todos se cansavam.

- Vovô Eduardo, esta brincadeira de roda eu já ouvi falar, mas como era no seu tempo?

- Carlinhos, esta brincadeira era a que a gente mais gostava porque, envolvia as meninas. E os meninos ficavam alegres quando podiam brincar com as meninas. Formava-se um grande grupo de crianças, 10, 12,

15, e todas davam as mãos, formando uma grande roda e cantavam as cantigas de roda. Brincar de roda era a brincadeira que, geralmente, avançava mais na noite e era a brincadeira em que os meninos e as meninas começavam namoricos de crianças, procurando dar as mãos para a parceira que mais gostava. Tempos bons! Até hoje eu me lembro da Loreta e Doracy. Elas não sabiam, mas foram minhas namoradinhas na minha imaginação.

E vovô continuou:

- Deixa-me ver se eu me lembro de alguma. Era algo assim: *Ciranda, cirandinha, vamos todos cirandar, vamos dar a meia volta, meia volta vamos dar. O anel que tu me destes era vidro e se quebrou. O amor que tu me tinhas era pouco e se acabou.*

E vovô se empolgou:

- Mas tinham outras, como: *Teresinha de Jesus, uma queda foi ao chão, acudiram três cavalheiros, todos três com chapéu na mão. O primeiro foi seu pai, o segundo o seu irmão, o terceiro foi aquele que Teresa deu a mão.*

E vovô não parava mais:

- Quer ouvir mais uma? *Se esta rua, se esta rua fosse minha. Eu mandava, eu mandava ladrilhar. Com pedrinhas, com pedrinhas de brilhantes. Para o meu, para o meu amor passar.*

Eu escutava atento o meu avô cantar, com ar de encantamento e me transportava para o passado longínquo de meu avô.

As histórias de vovô foram interrompidas com a presença de minha mãe. Ela já estava assustada com tanto demora.

- Eu preocupada com vocês e vocês conversando até esta hora na praça! Disse mamãe fazendo um ar de zangada.

Meu avô ficou muito embaraçado e se apressou em pegar o saquinho com os pães e se por em marcha de volta para casa. Esta tarde o café saiu quase ao escurecer.

- Vô, vamos falar outro dia sobre as brincadeiras que faltou você falar?

- Está bem, vamos. Mas, dentro de casa senão sua mãe vai ficar brava comigo!

À noite, enquanto jogava brinquedos eletrônicos em meu computador, ficava pensando nas histórias e nas brincadeiras do meu avô.

E eu pensava:

- (Nossa! Vendo hoje meu avô tão sério e envelhecido, como podia imaginar que ele brincava de roda, pula-sela, cobra-cega e outras coisas!).

Eu comecei a ficar um grude de meu avô e assim que voltava da escola procurava por ele.

- Oi vô, que está fazendo?

Abraçava-o e lhe dava um beijo no rosto. Enquanto ele ia para o seu sono da tarde, eu seguia para o meu quarto fazer a lição de casa.

- Mãe, o vovô me contou algumas brincadeiras que fazia quando criança. Por que as crianças não brincam mais hoje deste jeito?

- Carlinhos, os tempos mudaram. Muitas coisas mudaram para melhor, outras para pior. Na época de seu avô, as cidades eram pequenas, a maioria das casas era térrea, as ruas eram sossegadas, tinha poucos carros nas ruas e, principalmente, se vivia sem violência. Hoje, as cidades cresceram muito, a maioria das pessoas vive em apartamentos, as ruas não são mais para as crianças, são para os carros e ônibus. Os bandidos estão por toda a parte. Os hábitos foram mudando. A sociedade criou outras formas de diversão para as crianças, como os parques infantis, os shoppings, os cinemas, os clubes e, principalmente, a televisão e computador. Em algumas cidadezinhas do interior onde o tal progresso não chegou, você ainda vê muitas crianças brincarem da mesma forma como o seu avô brincava. Neste aspecto foi uma pena que a vida mudou. Mas, o que se há de fazer, não?

De vez em quando, vovô se aproximava de mim quando eu estava fazendo a lição ou lendo um livro solicitado pela professora.

E eu desabava para ele:

- Ai, vô! Por que a gente tem que estudar tanto? Eu não gosto de ler livros, demora muito!

- Carlinhos, não há outra forma de vencer na vida e apreciar as verdadeiras belezas da natureza sem o conhecimento. Estudar é preciso. Para muitas crianças não é gostoso, mas é preciso, é um trabalho, uma obrigação. O conhecimento vai lhe abrir portas para muitas descobertas e sucesso na vida. Brinque o quanto puder, mas não deixe de reservar algumas horas por dia para estudar, estudar muito. E nunca mais fale assim de livros. Os livros podem transportá-lo para o mundo da realidade e o mundo da fantasia. Pode levá-lo a grandes aventuras, com as cores e os heróis que você mesmo vai criar em sua imaginação. O livro é saber, saber é conhecer, conhecer é aprender viver.

E eu questionava:

- Mas, quando o senhor era criança o senhor tinha que estudar muito e ler muitos livros?

- Carlinhos, o ensino era diferente. Hoje está até mais fácil e modernizado. Não se aprende ler e escrever mais pelo B, A, BA. Existe muito mais recurso. Mas, no geral, tinha que se estudar muito também. Ler livros não era muito comum, mas eu gostava de ler. Comecei a pegar gosto pela leitura depois que recebi no curso primário os livrinhos com as histórias do Jeca Tatu do escritor Monteiro Lobato. Eram histórias que contavam a vida de um caipira chamado Jeca Tatu e como ele poderia prevenir doenças, ficar mais forte, trabalhar melhor e vencer na vida. Daí, eu comecei a ler as outras obras de Monteiro Lobato, tais como: Reinação de Narizinho, Viagem ao céu e O Saci, Caçadas de Pedrinho e Hans Staden, Memórias de Emília e Peter Pan, Emília no País da Gramática e Aritmética de Emília, Geografia de Dona Benta, O Poço do Visconde, Histórias de Tia Anastácia, O Pica-pau Amarelo. São todos ótimos e me deram conhecimentos sobre a vida em um sítio e, principalmente, me deu asas à imaginação e criatividade em toda minha vida.

E eu confirmei:

- Estas histórias foram contadas no programa de televisão O sítio do pica-pau amarelo!

- De certa forma, sim. Este programa foi inspirado nos personagens de Monteiro Lobato. Aliás, eu sinto de nunca ter ido visitar o Sítio do Pica-pau Amarelo, onde morou Monteiro Lobato quando criança. Foi lá que ele se inspirou para criar os seus personagens, como a Emília, O Visconde de Sabugosa, o Conde de Rabicó, Dona Benta, entre outros.

- Vô, eu prometo levar o senhor lá um dia, está bem? Eu respondi.
- Está bem, eu gostaria muito de ir lá Carlinhos.

Em seguida, eu pensei:

- (O vovô deve ter ficado muito impressionado com os livros de Monteiro Lobato e pensa até que existe um verdadeiro Sítio do Pica-pau amarelo! Ele anda muito esquecido mesmo!).

Meu avô passou a mão na minha cabeça em sinal de carinho e saiu do meu quarto. Eu, lembrando suas palavras, voltei à leitura do meu livro com um pouco mais de entusiasmo.

Durante o jantar eu perguntei à minha mãe:

- Mãe, existe o Sítio do Pica-pau amarelo?
- Existe!
- Existe? Então vovô estava certo! Onde fica?
- Fica na cidade de Taubaté. Se você quiser saber um pouco mais, acesse a página da internet da cidade de Taubaté e na seção de turismo você vai encontrar maiores informações.
- Vou fazer isto logo após o jantar!

E assim eu fiz, correndo ao computador logo após o jantar. Eu estava curioso para saber um pouco mais sobre Monteiro Lobato, o autor dos livros que meu avô tinha lido quando criança.

Na tela do computador aparecia a página do sítio com importantes informações que me ajudaram programar a viagem com seu avô para Taubaté.

- Nossa, esta internet é mesmo incrível! Aqui tem tudo o que eu preciso, incluindo telefone, dados e fotos do sítio!

Imprimi e mostrei para o meu avô que leu e releu tudo com muito entusiasmo e interesse.

- Quando vamos lá? Você já falou com o seu pai a respeito? Ele concordou? Disse meu avô ansioso pela visita.

- Vô, fique tranquilo, tenho a certeza de que meu pai e minha mãe, desta vez, vão estar os dois de acordo com o passeio. Eles também são fãs do Sítio do Pica-pau Amarelo. Quem sabe, logo, logo!

Eu sentia que minhas relações com vovô estavam indo muito bem. Ele começou a querer falar mais sobre sua vida e eu aprendia com muitas coisas que ele falava. Em casa, ele passou a ser, além do avô, um grande amigo meu.

- Vô, quando vamos conversar de novo sobre as suas brincadeiras de criança? Faltaram várias que o senhor não falou! Eu perguntei.

- Carlinhos, vamos fazer diferente. Qualquer tarde desta, depois do meu soninho, é claro, convide alguns amigos seus e vamos aprender algumas brincadeiras, brincando e não falando. O que acha da ideia?

- Nossa! Genial! Vou chamar o Marcão, o Sérgio e o Júnior.

Uma tarde, eu me reuni com os meus amigos e vovô no quintal. E ele nos ensinou alguns jogos que não conhecíamos. Com as bolinhas de vidro, aprendemos jogar buraco e triângulo. As bolinhas de vidro eram lindas e coloridas.

Eu e meus amigos endentemos o jogo e deixamos vovô prosseguir em seu passeio pelo jardim e ficar em sua solidão. Isto era o que ele mais gostava de fazer.

E, assim, passamos a tarde, que até esqueci de pedir à minha mãe que fizesse suco e lanches para nós. Ficamos tão entretidos, que não vimos o tempo passar. No dia seguinte, minhas pernas doíam de tanto levantar e abaixar para jogar as bolinhas de gude. Que exercício!

Teve um dia, que eu me lembro muito bem, em que ouvi uma história de meu avô comparando a gente com planta. Foi muito interessante e, a partir daquele dia, nunca mais consegui olhar para uma árvore sem deixar de lembrar nesta história. Querem ouvi-la?

Meu avô, como fazia de vez em quando, estava podando alguns galhos de hibisco vermelho, uma florzinha muita apreciada pelos beija-flores pelo néctar que produz.



Como sempre, eu interrompi o que ele fazia com minhas perguntas:

- Vô, por que o senhor gosta tanto de plantas?
- É porque plantas não fazem perguntas!
- Ah, vô! Magoei! Respondi, fingindo que não gostei.
- Estou brincando com você Carlinhos. Gosto das plantas porque elas são as nossas irmãs.
- Irmãs, como assim? Perguntei curioso.
- Elas são nossas irmãs, sim. E não estou me referindo apenas porque elas nos fazem companhia, nos fazem bem, purificam nosso ar, dão frescor à nossa casa, embelezam nossas vidas com suas flores e cores, exalam o perfume de suas flores. Na verdade, as plantas se parecem muito conosco!
- Mas vô eu não estou entendendo nada. O senhor quer dizer que as plantas se parecem com a gente? Perguntei, duvidando.
- É verdade, sim. Vamos falar de irmãs árvores. Veja este abacateiro do quintal. Vamos compará-lo com a gente. As raízes são como os nossos intestinos. Elas retiram da terra a água e os nutrientes que o abacateiro precisa, depositando estes nutrientes na seiva. Os nossos intestinos retiram os nutrientes dos alimentos e os depositam no sangue. A seiva da planta corre pela casca e todas as partes da planta para dar a cada célula vegetal água e nutriente que precisa. O nosso sangue corre todo o corpo para dar a cada célula orgânica a água e os nutrientes que precisamos. A casca do abacateiro é como nossa pele. Se você tirar um pedaço forma uma ferida e esta se cicatriza. A pele humana é a mesma coisa. Quando nos machucamos forma uma ferida e esta se cicatriza com o tempo. O abacateiro respira através das folhas e nós os humanos respiramos através dos pulmões. O abacateiro gera flores uma vez por ano e nossas mães geram óvulos uma vez por mês. Quando a flor do abacateiro recebe o pólen de outra flor de abacateiro trazido pelas abelhas e borboletas, ela fica polinizada e começa a gerar um fruto, que é o abacate. Quando o óvulo da mulher recebe uma semente do homem ele fica fecundado e a mulher começa a gerar um fruto que é um bebê. O abacateiro para em pé porque tem um tronco, uma madeira em seu interior que o segura e que sustenta o seu peso. Nós paramos em pé porque temos os ossos. Os ossos nos seguram e sustentam o nosso peso. A madeira do abacateiro é como os nossos ossos. Viu quanta semelhança? O abacateiro é nosso irmão ou não?

- Puxa, vovô! Pensando nisto tudo acho que sim! Mas, só falta o senhor falar que o abacateiro tem sentimentos, cérebro e coração também! Perguntei, desafiando vovô.

- Carlinhos, uma espécie de coração ele tem sim. A seiva é empurrada para a parte de cima por movimentos de contração da planta, que é o mesmo que o coração faz. Muitas pessoas acham que as plantas têm sentimento. Você nunca viu na televisão reportagens de plantas que se desenvolvem mais quando os donos conversam com elas? Agora, cérebro eu ainda não descobri onde fica, mas, será que uma árvore não tem cérebro mesmo? Finalizou meu avô rindo.

Eu só sei que, depois desta explicação do meu avô, eu comecei a olhar para todas as plantas com muito mais respeito e consideração do que antes. Nossa! Quanta semelhança entre uma planta e um ser humano, não é mesmo? Encerrando esta comparação entre uma árvore e um ser humano, o meu avô, pegando algo no chão disse:

- Carlinhos, você está vendo este caroço de abacate? Veja que maravilha da natureza! Nesta grande semente, em forma de bola, estão gravados todos os caracteres de um futuro e frondoso abacateiro. Este caroço representa o milagre da criação e da multiplicação do abacateiro. Entretanto, para que isto se torne realidade, ele precisa ser plantado e geminar. Porque você não o planta?

- Eu, vovô? Eu nunca plantei nada! Respondi.

- Então, esta é uma grande oportunidade. Você pode plantar árvores pelos mais variados motivos. Um deles, por exemplo, em homenagem às pessoas que você gosta e que quer se lembrar por toda a vida!

- Vovô, então vou plantar este caroço de abacate em sua homenagem! Como devo fazer? Respondi.

- Pegue um saquinho vazio de leite e coloque terra dentro. Depois, você faz um buraco no centro do saquinho e enterra o caroço de abacate. Pronto! Agora é só regar com um pouco d'água uma vez ao dia e esperar!

Eu fiz conforme o vovô falou e foi uma experiência muito boa. Após algumas semanas, uma pequena e frágil haste nasceu do meio do caroço, e foi crescendo. E folhas começaram a nascer ao redor da haste. Era um pequeno pé de abacate que ganhava vida.

Depois de algumas semanas, já bem crescido, eu plantei ao lado do velho abacateiro.

Depois brinquei com vovô:

- Vô, o velho abacateiro é o senhor. O novo sou eu!

Ele riu. Todos os dias eu acompanhava o crescimento do jovem abacateiro. Meu avô incluiu o pequeno abacateiro em seu passeio diário pelo quintal.

Em outro dia de preguiça, à tarde, quando não tinha nada para fazer, procurei por vovô para companhia e ver o que ele estava fazendo na oficina.

- E ai vô! O que o senhor está fazendo desta vez?

- Eu? Bem, estou tentando fazer um carrinho de rolamentos. Brincar de carrinho de rolamentos era muito comum na minha época, apesar de um pouco perigoso. Mas, era o mais emocionante e o que despertava as maiores emoções nas disputas. Para se fazer um carrinho de rolamentos precisamos de alguns materiais especiais, como 4 rolamentos de esfera, que você pode encontrar como peças usadas em oficinas mecânicas, tábua de trinta centímetros de largura por um metro de comprimento, dois pedaços de caibros de peroba, alguns pregos e parafusos e arruelas.

Enquanto falava, meu avô trabalhava com maestria construindo o seu último carrinho de rolamentos, motivado que estava pelas minhas conversas e interesse. Eu estava me sentindo bem com isto.

De repente, eu via o meu avô vigoroso, motivado. Ele se dedicava, agora, a fazer alguma coisa com entusiasmo. E olhava para mim o tempo todo para demonstrar esta sua satisfação.

Em algumas horas, depois de serrar, furar, aparafusar, testar, lá estava o seu novo carrinho de rolamentos. Este carrinho tinha quatro rodas de rolamentos de ferro, breques nas rodas de trás, direção flexível. Para pilotá-lo, a pessoa tinha que sentar atrás, onde tinha um apoio para as costas, colocar os dois pés na direção, virando para a esquerda ou para a direita, dando direção ao carrinho. Depois, era só soltá-lo em uma ladeira e curtir a brincadeira.

- Pronto para testá-lo Carlinhos?

- Pronto! Vamos lá! Disse todo entusiasmado.

No meu quintal, tinha uma calçada em volta da casa. Eu e meu avô pegamos o carrinho e fomos para lá. Sempre atento, meu avô me deixou dar algumas voltas. Eu caí algumas vezes. E vovô advertiu:

- Viu, Carlinhos, foram por quedas assim que os carrinhos de rolamentos deixaram de ser construídos e proibidos pelos pais. Eu só queria que você soubesse como é. De vez em quando, você pode brincar no quintal de casa com os seus amigos e, mesmo não tendo ladeira, o carrinho pode ser movimentado por outra criança puxando-o por uma corda ou empurrando você pelas costas.

Os dias, as semanas, os meses foram se passando. Vovô completava suas narrativas a respeito das brincadeiras de sua infância. Eram todas muito criativas, esportivas e participativas. Eu gostava de ouvir.

E aprendi várias outras, como:

- Brincar de ordem - Esta brincadeira consistia em jogar uma bolinha de tênis na parede e apará-la de volta com as mãos, mas sempre mudando os movimentos. Enquanto se jogava a bolinha de tênis na parede, falava-se o movimento que se ia fazer. Quem errasse, dava a vez para o colega. Cada expressão correspondia ao movimento de jogar a bolinha na parede e apará-la de volta e ao movimento ou posição que o jogador deveria fazer. Ordem. Sem lugar. Sem rir. Sem parar. Um pé. O outro. Uma mão. A outra. Bate palma. Pirueta. Trás para diante. Queda.
- Brincar de Escravo de Jó era divertido e sonoro. Duas pessoas, uma de frente para a outra, batiam as mãos seguindo uma sequencia de movimentos (mão direita contra mão direita, esquerda contra esquerda, alternadamente) e cantavam esta canção: Escravo de Jó, jogavam o caxamgá, tira, põe, deixa ficar, guerreiro com guerreiro faz o zigue, zigue, zá, guerreiro como guerreiro faz o zigue, zigue, zá. (Quando do ziguezigue zá, a palmada se repetia três vezes).
- Brincar de passa-anel era uma brincadeira que os meninos gostavam de brincar com as meninas. Era uma forma de demonstrar sua afeição e predileção. As crianças sentavam no meio fio da calçada e ficavam com as mãos fechadas em forma de oração. A criança que iniciava mantinha em suas mãos fechadas na mesma posição um anel e se dirigia de criança em criança abrindo um pouco suas mãos com suas próprias mãos. A criança passava de mãos em mãos, sem deixar nada até que, em uma delas, deixava cair o anel. Depois de percorrer todas as crianças, a criança que tinha recebido o anel era a que passava o anel na roda seguinte.

Outras brincadeiras a gente conhece até hoje, como pula-corda, jogo de taco, amarelinha, barra manteiga, mocinho e bandido.

Meus pais começaram a sentir uma diferença positiva no comportamento de meu avô. A atenção que eu estava dando para ele o estava motivando e fazendo com que ele se sentisse útil. Assim, ele se lembrava de seu passado com alegria.

Em um sábado de inverno, uma manhã fria e cinzenta, todos acordarem com aquele sentimento de que teriam que fazer alguma coisa para passar o tempo.

Surgiu aí a ideia de visitar o Sítio do Pica-pau Amarelo na cidade de Taubaté. Entrei na Internet no Portal de Taubaté e comprovamos que o local estava aberto para visitação.

- V o, uma novidade para o senhor. Meu pai e minha mãe v o nos levar para conhecer o Sítio do Pica-pau Amarelo. Arrume suas coisas!

- É mesmo? J o estou indo! J o estou indo.

Meu avô parecia uma criança de tanto entusiasmo e se movimentava mais rapidamente para arrumar suas coisas do que nós. E l  foi toda a família rumo à cidade de Taubaté.

Finalmente, chegamos. Não pagamos nada para entrar, o que foi bom! A alameda que dá entrada ao Sítio do Pica-pau Amarelo era toda de mangueiras antigas. Fomos recepcionados por uma s sia da Emília e um s sio do Visconde de Sabugosa.

No quintal havia várias estátuas do Conde de Rabic , da Tia Anastácia, Dona Benta. A casa onde Monteiro Lobato morou com os seus avós estava muito bem preservada em seu estado original.

Pudemos notar as grandes portas e janelas que permitiam, do lado de dentro, avistar todo o quintal e penetrar a luminosidade. Os quartos foram transformados em museu e grandes painéis contavam a história deste grande escritor e suas obras.

Ao lado direito, logo na entrada da casa, tinha uma biblioteca onde pudemos ler os livros do Monteiro Lobato e meu avô se emocionou muito quando viu os livrinhos do Jeca-Tatu, os mesmos livrinhos que lhe foram dados quando criança.

Eu também li e acho que estes livrinhos deveriam até hoje ser distribuídos nas escolas.

A leitura é gostosa e fácil de entender. É muito útil para o nosso conhecimento sobre higiene pessoal e prevenção de doenças.

Na cozinha, o mesmo fogão a lenha, as panelas de ferro, os móveis fortes e simples que se usavam na época. Dois jardins isolados, com entrada por dentro da casa, eram uma graça. As árvores da época de Monteiro Lobato ainda estavam lá.

Tudo impressionava. Do lado de fora tem uma grande jaqueira, árvore que dá a fruta chamada jaca, de mais de 150 anos. Estava carregada de jacas enormes.

Meu avô ficou por muito tempo lendo todos os painéis, recapitulando a vida e obra deste escritor que muito orgulha a todos nós brasileiros.

À noite no jantar, voltamos a falar do passeio. Quando meu avô se retirou da mesa, meu pai reconheceu:

- Carlinhos, você nos ensinou uma coisa que estava passando despercebido para mim e sua mãe - a atenção que meu pai ainda merecia e estava carente e nós não estávamos dando. Com esta vida louca que se vive no dia-a-dia, deixamos de notar sua presença. Ele parecia uma pessoa fraca e quieta que queria somente descanso e isolamento. E isto não era verdade. Eu e sua mãe queremos te agradecer por isto!

Eu fiquei contente e orgulhos com o elogio de meus pais.

Uma tarde, o vi sentado no banco da varanda. Ele olhava fixo para os passarinhos, que se fartavam com as bananas, os pedaços de mamão e os montinhos de quirera de milho que colocara no comedouro. Quando me aproximei, ele tomou a iniciativa da conversa.

- Carlinhos, bom dia! Dormiu bem? Já tomou café?

Eu acenava como a cabeça respondendo os vários sim.

- Veja que interessante! Quando eu comecei a alimentar os passarinhos, vinham somente rolinhas e pardais. Hoje já são mais de 10 espécies de pássaros que se alimentam aqui, como o Bem-te-vi, Sabiá, Sanhaço, Tico-

Tico, Tuim e outros que eu não sei o nome. Tem um todo pretinho pequeno, outro com a asa marrom e o corpo amarelo.

Com meu avô eu aprendi respeitar as plantas como nossas irmãs e amar os animais!

Os anos se passaram. O velho abacateiro estava muito doente, com vários galhos podres que já não tinham folhas, nem produziam flores e frutos. Ao seu lado, o abacateiro que eu plantei em homenagem ao meu avô, crescia forte, elevando-se às alturas.

Eu possa afirmar que o meu avô se tornou o meu melhor amigo. Conversávamos sempre sobre os meus problemas e sempre tive nele as melhores orientações. Problemas de relacionamentos com meus amigos, problemas na escola, problemas afetivos com minhas namoradas.

Eu sempre encontrei em vovô uma palavra sábia e confiável.

Eu fui crescendo, meu avô envelhecendo, eu saía muito da casa para estudar, cursar faculdade e meus encontros com vovô diminuíram.

Ele, igualmente, foi se recolhendo em sua solidão cada vez mais, suas atividades na oficina ou no jardim já não eram com a mesma intensidade. O Destino prosseguiu em seu curso, com notícias boas, com momentos de alegria, e com os de tristezas e de dor.

Vovô costumava falar com frequência a seguinte frase:

- Com sua experiência e sabedoria você irá até certo ponto, dentro de certo tempo, na conquista de seus ideais. Se você aprender a somar a experiência e sabedoria dos mais velhos, você irá mais longe e em menor tempo.

Esta é a história do dia em que conheci meu avô e que marcou para sempre a minha vida.

Eu me formei arquiteto e ganhei fama e fortuna pela criatividade e engenhosidade de meus projetos.

Na recepção de meu escritório, eu mandei fazer uma decoração formada por uma estrada feita em cobre polido em curva, descendo e subindo, apoiada em uma grande pedra de granito cinza.

Descendo por esta estrada estilizada estava o carrinho de rolamentos, o mesmo carrinho que meu avô havia construído e me dado de presente.

Esta decoração era uma forma de prestar uma homenagem em sua memória.

Com o meu avô, eu aprendi, também, a me aproximar de outras pessoas mais velhas e somar minha sabedoria e experiência com as deles.

No quintal, meu velho pai, agora avô de meus dois filhos, repete uma rotina própria, como fazia o meu avô. O velho abacateiro morreu logo após a morte de meu avô. Os pássaros ainda vieram ao comedouro por algumas semanas em busca da quirera de milho, banana e mamão.

Mas, também se foram, cansados de não os encontrarem mais. Hoje o abacateiro que eu plantei está grande e produzindo gostosos abacates.

Após o meu cansativo expediente de trabalho, eu procuro o conforto do abacateiro. Eu permaneço sentado à sua sombra por alguns minutos, calado, com os olhos voltados para o passado. E percorro em meus pensamentos as histórias que ouvia de meu avô.

Após um longo suspiro de saudades, eu coloco a mão no tronco do abacateiro, sentindo sua energia. Depois, volta ao convívio de minha família, onde meus dois filhos estão curiosos para ouvir as minhas próprias histórias.

Um dia, porém, algo mágico aconteceu em minha vida!

Eu voltei à velha oficina, onde meu avô costumava se entreter consertando coisas. Estava tudo muito empoeirado. Ninguém entrava mais lá, deixando tudo como meu avô tinha deixado. Era como se fosse um santuário em sua memória. E foi nesta tarde que eu encontrei uma caixa escondida no alto de uma prateleira. Ela estava com centímetros de poeira, prova que não era aberta há décadas. Curioso, eu abri a caixa, limpando primeiro à espessa poeira.

E foi nesta caixa que eu recebi a mais rica herança e o maior presente de meu querido avô. Eram vários livros escritos à mão, contando histórias. Eu não podia imaginar que meu querido avô escrevia tão bem.

- Puxa, o vovô era um escritor! Pensei surpreso.



Eu levei o precioso tesouro para meus pais verem e lerem. Eles ficaram encantados com as histórias escritas por vovô há tantos anos atrás!

- Ele nunca disse a ninguém que era um contador de histórias! Disse papai.

Eu limpei com todo cuidado e carinho os manuscritos das dezenas de histórias escritas pelo meu avô e as encadernei em uma maravilhosa e única coleção. Esta coleção foi imediatamente guardada na prateleira de meu escritório em casa.

Sempre que tinha uma oportunidade, eu lia e relia estas histórias e pude sentir que os manuscritos tinham um bom nível literário.

Eu percebi que as histórias contadas pelo meu avô retratavam de alguma forma suas brincadeiras de crianças, seus passeios na adolescência, seus amigos na infância, seus colegas de escola, seus amores, seus sonhos, sua maneira de pensar e ver a vida, seu amor pela natureza e pela ecologia, o seu interesse pela cultura e conhecimento, a importância que dava ao desenvolvimento do caráter, valores morais, cidadania, consciência ecológica e espiritualidade.

Nós nunca soubemos a razão do meu avô ter escrito estas histórias em silêncio e sem nunca tê-las mostrado a alguma outra pessoa da família.

Talvez meu avô tenha feito o próprio diário de momentos de sua vida, escondido atrás de histórias infanto-juvenis...

Com o meu avô eu aprendi a importância de se ter uma família. Agora, eu olho para o meu pai, minha mãe e minha irmã com outros olhos. Entendo que eles me dão atenção e carinho. Mas, esperam que eu, também, lhes dê atenção e carinho. Assim, eu me interesso mais pelos assuntos de meu pai. Agradeço o trabalho que minha mãe tem comigo. Brinco com minha filha, sabendo que um dia ela vai ficar adulta, se casar e sair de casa.

FIM